



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

DINÁ PETTENUZZO SANTIAGO II

(depoimento)

2002

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-07

Entrevistado: Diná Pettenuzzo Santiago

Nascimento: 01/06/1941

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte

Entrevistadores: Karine Dalsin e Berenice Machado Rolim

Data da entrevista: 22/10/2002

Transcrição: Karine Dalsin

Conferência Fidelidade: Berenice Machado Rolim

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: (01 fita) 07/01-A e 07/02-B

Total de gravação: 42 minutos

Páginas Digitadas: 16

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 0426/2003/01

Número de registro da fita: 0426/2003/01

Observações: A gravação da fita 07/1-B está junto com a gravação da fita 03/1-A

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

SANTIAGO, Diná Pettenuzzo. *Diná Santiago II (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2003.

Sumário

A estruturação do voleibol em Porto Alegre e sua relação com os clubes; breves relatos sobre métodos utilizados para o treinamento na natação; a organização da equipe feminina de voleibol do Grêmio Náutico União; comentário a respeito do movimento da Legalidade; considerações sobre a estética feminina no esporte; breve relato sobre a estruturação da equipe masculina de voleibol do Grêmio Náutico União; a Universíade de 1963: convocação, treinamento e participação da seleção brasileira de voleibol; a organização do evento; a participação da população; descrição da abertura dos jogos.

Porto Alegre, 22 de outubro de 2002. Entrevista com Diná Santiago a cargo das pesquisadoras Karine Dalsin e Berenice Machado Rolim, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Diná, eu gostaria que tu falasses, na tua opinião, como se estruturou o esporte em Porto Alegre¹?

D.S. - Bem, eu vejo a estruturação do esporte feminino em Porto Alegre, através da vida social das pessoas que se agregavam os clubes da capital; e esses agregados dos clubes é que deram origem aos primeiros times de voleibol, porque as pessoas saíam do corpo social e freqüentavam esse clube, por exemplo, no nosso caso, nós não pertencíamos ao União²; não começamos a freqüentar o União pensando em ser atletas de voleibol e de basquete e sim, quem sabe, para freqüentar uma piscina e para fazer uma vida social em torno daquele clube. Mas o que a gente viu depois, no passar dos anos, é que esses times - em especial esses iniciais - foram se agregando em torno destas comunidades dos clubes da capital. Naquela época nós tínhamos o União, já tínhamos a SOGIPA³ e tínhamos um time que é uma sociedade, que é a Sociedade Ginástica Navegantes-São João⁴. Havia outros times que desapareceram, que eram o da ACM⁵, do Vasco da Gama⁶ e do Internacional⁷ e, em algum desses times, havia equipes de basquete. Bem, essa junção destas pessoas para o vôlei foi uma coisa, no início, muito artesanal, um tipo de convite: “Vamos lá. Vamos sair da piscina descansar um pouco! E depois vamos continuar, vamos jogar! Vamos jogar o quê? Vamos jogar vôlei, vamos jogar basquete”. E assim começava... Então, geralmente, os times eram formados... No caso do União, ele foi formado em cima das pessoas que nadavam e que estavam sempre por ali. Assim que foi o início.

K.D. - A questão da natação tu acredita que a natação tenha sido o primeiro incentivo para depois a formação dos times, das equipes de vôlei, de basquete?

¹ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

² Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

³ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

⁴ Sociedade Ginástica Navegantes-São João, fundada em 06 de junho de 1927.

⁵ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

⁶ Clube de Regatas Vasco da Gama, fundado em 28 de janeiro de 1917.

⁷ Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

D.S. - É, isso quando eu comecei, por exemplo, em 1948, 49 - no caso eu tinha sete, oito anos - então a minha visão ali na época... Nós fomos, como eu disse já em uma outra entrevista... O meu irmão que tinha onze anos mais - que era o Dilson⁸ - ele é que ingressou no quadro do União e estava jogando basquete. Então através do convite dele é que a gente divisou esta possibilidade de pertencer a um clube que ficava a três quadras da nossa moradia, da nossa casa. E, no caso, ele mesmo falava para os meus pais nos deixarem participar; ele achava bom porque tinha piscina e nós íamos aprender a nadar. Então nesse primeiro início não foi pensando em ser atleta, foi pensando em pertencer a um clube, em lazer, em aprender a nadar e se divertir nesse clube. Só *bastante* depois é que o voleibol feminino a começou a se formar mesmo no União.

K.D. - Como é que foram as primeiras competições que tu participaste de natação?

D.S. - Bem, de natação, naquela época, havia um clássico aqui em Porto Alegre que era o União “versus” Barroso⁹, essa era a guerra da época. Só que o Barroso não teve essa possibilidade, essa entrada para o voleibol, porque o Barroso, tinha aquela sede náutica na Ilha do Pavão¹⁰ - de um lado era do Barroso e o outro lado era do União na época. Hoje o União já comprou aquela parte também - e aí por razões administrativas, econômicas que eu não sei bem, o Barroso não evoluiu para uma sede fora da Ilha que, quem sabe, teria propiciado que ele criasse possibilidades de fazer esses times de basquete e vôlei e também aumentar sua vida social; mas não se deu assim.

K.D. - A questão de ser atleta de natação excluía... Ela abria as portas por ser de outros esportes, mas mesmo assim, vocês não deixavam competir pela natação?

D.S. - É, a gente era da natação, no início, e só da natação. Depois, com os anos passando, a gente começou essa idéia, também encabeçada por outras pessoas do União: Major Manta¹¹ - hoje general - e outras pessoas: Justino Martins¹², que foi professor de Educação Física; eles foram os primeiros treinadores do voleibol. Então eles viam aquelas moças lá,

⁸ Dílson Santiago

⁹ Clube de Regatas Almirante Barroso. Fundado em 26 de fevereiro de 1905 a partir de uma dissidência de associados do Ruder Club Germânia.

¹⁰ Uma das tantas ilhas que compõem o Delta do Jacuí em Porto Alegre, junto ao Rio Guaíba.

¹¹ Antônio Adolfo Manta

sempre na natação, e criaram esta possibilidade. Mas, na verdade, a natação - como era chamado, assim, o atletismo, esporte base - é de uma atração muito grande para nós, crianças, - e não só isso -, porque na época, era isso que havia no União. O Barroso, com sua sede náutica, fazendo os treinamentos, mas, no União, no momento que eu falei -48 -, o União já tinha sua piscina Olímpica, na Quintino¹³, e tinha a piscina pequena que era de aprendizagem; então, o que ele podia oferecer mesmo, na época, era natação e também os famosos bailes, reuniões dançantes, bailes de carnaval e isso, na época, era muito famoso. Então era isso! Era uma vida... Alguma coisa de vida social e a natação: não havia outro esporte.

K.D. - Em geral, vocês entravam para um clube e acabavam se integrando às possibilidades e modalidades esportivas do clube.

D.S. - É, isso.

K.D. - Praticando várias modalidades.

D.S. - Exatamente.

K.D. - Participando da vida social?

D.S. - E participando da vida social. Então, o vôlei, quando já se tinha - voltando àquela pergunta que tu me fizeste antes... A natação é esporte no qual o alcance do índice tem uma expectativa em cima da idade; a natação precisa mesmo que se comece bem cedo para atingir os índices máximos logo na adolescência, não é. Geralmente passada uma certa idade - dezanove, vinte anos - a gente mais ou menos já está... Não consegue mais aqueles índices, por vários motivos. E, ali começava o problema: a gente ficava na natação adulto, mas já estava querendo fazer outras coisas também. Porque em termos de índice, tu vais caindo no “ranking”; no “ranking”, eu cheguei a pertencer na natação, porque eu tinha o recorde de 100 metros costas juvenil e os 4 x 100 metros adulto, que era quatro estilos. Mas é que, na época, a técnica era muito atrasada, os conhecimentos técnicos e de qualquer

¹² José Justino Martins

¹³ Quintino Bocaiúva, Rua de Porto Alegre

tipo de treinamento: mesmo intervalado e para velocidade também; não havia essas informações ainda naquela época. Então o que é que a gente fazia? Treinava geralmente um estilo à tarde e um estilo pela manhã e a velocidade era treinada com... Era marcado um dia que a gente ia fazer, com metade da distância e algumas pessoas faziam a distância que os treinadores marcavam. “Agora nesse período nós vamos fazer piques para aumentar a velocidade”. Então, isso era o que tinha antes, mas, depois, a gente, mais ou menos, queimava a idade para esse índices [tosse] porquê? Porque já estavam vindo outras pessoas, os treinadores já tinham outras informações, já estavam evoluindo também tecnicamente. E essas pessoas, em seguida, batiam os nossos recordes, aqueles recordes que a gente tinha.

K.D. - E a tua entrada no vôlei, como foram as primeiras competições do vôlei?

D.S. - Bem, a entrada no vôlei - como eu falei - foi uma ponte de ocupação de tempo e de expectativa, também, da natação para o vôlei. Porque a gente tinha nossa vida lá, e os primeiros momentos do voleibol *extremamente* amador e um voleibol todo artesanal - vamos supor assim - com a vontade só e os treinadores também, com o conhecimento que eles tinham. O Justino Martins, com os conhecimentos que ele tinha da própria Faculdade de Educação Física e - como eu falei também hoje - o General Manta, que naquela época era Major; também ele queria formar um time, tinha alguns conhecimentos, mas ele nem era da área da Educação Física. Mas, contudo, se formou um time e se jogava também contra essas outras entidades que eu falei: Navegantes-São João, SOGIPA - basicamente essas no vôlei porque não havia muitas.

K.D. - Como é que tu vês a estruturação do vôlei em Porto Alegre?

D.S. - Bem - como eu falei - era um vôlei artesanal, dentro das possibilidades e dos conhecimentos daquela época: com poucos times - que eram formados dentro desses clubes que existiam e tinham uma quadra de vôlei, essas coisas. E o que tinha de interessante, era que não era um voleibol, como veio a ser ainda nos anos 70 - de 60 a 70 basicamente - estritamente amador. Não se podia, nem era permitido que houvesse nenhum subsídio financeiro; o que se tinha - no caso do União, com a evolução dos tempos não nos primeiros anos, com alguns anos depois, que o União começou a se destacar no vôlei, - o

que se instituiu, é que a gente ganhava da rouparia, - tinha um setor de rouparia - e a gente ganhava roupas que usava lá e deixava na rouparia para ser lavada. Então, para os treinos a gente tinha esse auxílio de não precisar... De usar a roupa do próprio clube. Mas, contudo esse ato foi, muitas vezes, considerado um esporte marrom: poderia ter nisso um auxílio do clube para os atletas e isso iria caracterizar que seria um esporte marrom, ou seja, que era um esporte subsidiado com outras coisas que não fosse o pertencer ao quadro do clube, ao que se chamava na época, prata da casa. A pessoa que nasce naquele meio ou que começa fazendo - no caso natação - e que já está defendendo aquele seu clube e que passa para uma outra modalidade, começa a atuar, mas sem o menor - vamos supor - subsídio financeiro e nem em forma de nada: nem de passagem e nem de estudo, de nada. Simplesmente amador.

K.D. - Isso mudava completamente a relação de vocês com o pertencimento que vocês tinham pelo clube, pela camiseta que vocês estavam defendendo.

D.S. - Com certeza. Sempre se dizia: a maior ofensa, naquela época, era imaginar que uma pessoa que era de um clube ou SOGIPA, União, Barroso, que essa pessoa iria vestir a camiseta do outro clube. Isso seria localizado por todos os jornais da época, porque aquela pessoa ia deixar de defender a sua camiseta para defender uma outra, tanto que nem acontecia; nunca aconteceu. Havia também uma lei no União - não sei se ainda há - mas muito tempo aquilo... A gente até perguntou isso, agora, depois de uma certa idade porque depois da gente parar de jogar, no caso da Diva¹⁴, eu e outras pessoas - nós resolvemos de uma certa maneira, eu que tinha parado - voltar a jogar o “master”. Mas aí a nossa vida era outra, os nossos círculos de amizade eram outros e a gente ia jogar por outro clube - a Diva pela SOGIPA. E isso, no início, deu uma tremenda cogitação: se a Diva perderia o título de grande laureada, que ela tinha conseguido no União ali pelos anos 50. E, no caso, eu também me laureei. A Diva é grande laureada e eu sou laureada, com três campeonatos de natação naquela época - para ser grande laureada tinha que ter dez campeonatos estaduais. Bem, e isso a gente conversava em casa e ainda os meus pais naquela época diziam: “Ah! Se é para vocês jogarem por outro time, vestir outra camiseta e perder o laurel, isso não é legal!” Então, se ficou em dúvida por muito tempo - muito tempo não - algum tempo se cogitou, se a gente perderia ou não o laurel. Bom, só sei que não perdemos até hoje o laurel

e se começou - a Diva em especial, que continuou no esporte porque o que ela ia fazer? O União não tem esporte “master” nesse momento, nem tem ... Então, o círculo dela era outro.

K.D. - Claro.

D.S. - Mas se cogitava na época de, inclusive, se o atleta jogasse contra o seu time, ele perderia... Havia uma categoria de sócio-atleta no União, naquela época, que - vamos supor - tu vieste lá da tua cidade, tu querias participar pelo União, tu ganhavas uma carteirinha de sócio-atleta. Então não pagava a mensalidade e – entendeu? - podia continuar freqüentando e jogando pelo clube até que não estivesse mais ali. Mas nunca se cogitando que a pessoa ia sair da sua origem para jogar num outro clube; isso ai, não estava previsto.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

K.D. - Diná, as primeiras competições de voleibol eram organizadas pela Federação Gaúcha de Vôlei, não é? Como eram estas competições, qual era o engajamento que vocês tinham como atletas, a emoção de atleta, quem era o público dessas competições. Nos fala um pouco sobre isso.

D.S. - Bem, em uma época um pouquinho além dos primórdios do vôlei - como eu falei - começou a se estruturar um pouco mais e começaram a aparecer alguns clubes se destacando; alguns caíram no esquecimento porque não tinham sedes que propiciassem, esse treinamento de equipes, porque com isso, o clube... Os atletas eram amadores, mas o clube tinha que pagar o treinador. Bem, já nessa época começou esse investimento no voleibol gaúcho, nós tínhamos dois times que eram adversários principais: a SOGIPA e o União E, em volta destes dois times, é que se dava o Campeonato Gaúcho e isso era tão forte porque, apesar de serem poucos os times, o índice técnico era muito bom. Tanto que nós ganhamos muitos campeonatos leste-sul na época - vários anos - com a junção de atletas da SOGIPA e do União, e chegamos a ganhar também um campeonato brasileiro de voleibol de todo Brasil. E quando não ganhávamos, ficávamos sempre em destaque, ou segundo ou terceiro. Então, dá idéia de quanto era forte o voleibol na nossa época, aqui no

¹⁴ Diva Santiago Corrêa, irmã da entrevistada.

Rio Grande do Sul. A gente tinha, na verdade, esse preparo de equipes... A gente sempre estava com a ambição de pertencer à seleção gaúcha, no caso, não universitária: o universitário corria à parte, para quem estudava estava na faculdade. Mas no geral, todo mundo queria se sair muito bem para poder pertencer à seleção gaúcha e com isso... Somente no voleibol, os anos que nós viajamos, dá para considerar um turismo, porque nós viajamos, assim, por muitos estados e foi muito bom nesse sentido também social e turístico, de conhecer lugares e conhecer pessoas. Foi muito bom mesmo! Eu conheci Brasília pelo esporte, pelo vôlei, fui umas duas vezes; mais tarde só eu fui para profissão. Aliás, quando eu conheci Brasília¹⁵, em 1954, foi quando se deu a Revolução da Legalidade.¹⁶ - Foi 54? Não, foi 64 -. Em 1964 se deu aqui a Legalidade, aquele movimento político, e nós estávamos em pleno vôo para um campeonato brasileiro em Brasília. Eu iria conhecer Brasília naquele momento... Nós fomos avisados - a seleção masculina e feminina - ainda em vôo, que o avião não iria continuar a rota de São Paulo¹⁷ para Brasília porque tinha estourado, no Rio Grande do Sul, o movimento da Legalidade e que tinham tropas... Que era muito forte isso, estava muito perturbado o clima aqui e que por isso não haveria os jogos brasileiros [tosse] de vôlei daquele ano de 64, em Brasília, porque o avião não iria para lá porque também estava tudo em estado de alerta, não sabiam o que ia dar. Então, nós fizemos um pouso em São Paulo e fomos colocados em um hotel chamado Comodoro e lá ficamos aguardando as decisões políticas. Bem, a nossa sorte é que realmente o movimento da Legalidade foi maior aqui mesmo, então, acharam que a gente poderia ir, que os jogos de Brasília poderiam ser realizados. Foi uma sorte porque, além de agente escapar aqui do...Que tinha coisas até bastante perigosas, nós os fomos para Brasília disputar esse brasileiro. Então foi muito bom.

K.D. - Em Porto Alegre tu falaste de alguns times que jogaram pela Federação Gaúcha de Vôlei. O interior tinha algum time que participasse do campeonato gaúcho?

¹⁵ Cidade Brasileira

¹⁶ A Legalidade foi um movimento popular que se iniciou a partir das proclamações de Leonel Brizola pela Rádio Guaíba, em Porto Alegre reagindo reagiu ao golpe articulado pelos militares, juntamente com o poder econômico, para impedir a posse de João Goulart na Presidência da República, após a renúncia de Jânio Quadros, no dia 25 de agosto de 1961. Se deu entre Brasil entre os dias 26 de agosto e 7 de setembro de 1961.

¹⁷ Cidade Brasileira

D.S. - Olha, algumas vezes o interior veio e participou de alguns torneios. Que eu me lembro Santa Cruz tinha... Santa Maria veio uma vez. Não me lembro se Canoas e Pelotas¹⁸... Pelotas participou também uma vez, mas não era uma coisa, assim, muito forte - entendeu - em termo de disputa, não...

K.D. - Mais forte era...

D.S. - Mais forte era Porto Alegre.

K.D. - E essas competições tinham um bom público ou eram mais as pessoas que freqüentavam o clube e também jogavam pelo clube?

D.S. - É, como eu falei no início, era muito artesanal. No início, é como eu disse, a gente mesmo varria a quadra para treinar e se precisasse o pai ajudava, a mãe ajudava a fazer outra coisa e era muito... Parecia um clã, era uma coisa mais familiar. Mas com o sucesso é que, anos depois, se tornou... E tecnicamente a nível de Brasil começou a ser muito acirrada, no voleibol, essa luta SOGIPA e União. Aí o estádio realmente - ou era no União ou era na SOGIPA - aí sim tinha bastante gente assistindo, não vou dizer que lotava. Mas tinha bastante gente assistindo, quando se realizava mesmo a decisão e era bem...

K.D. - Qual era o esporte que tinha mais público naquela época, que tinha “status”?

D.S. - [Tosse] Olha eu acredito... Eu não acompanhei jogos de futebol, mas eu acho que tinha mais pessoal para torcer: era o futebol e a nataçãõ.

K.D. - A nataçãõ?

D.S. - É! A nataçãõ, pelo menos nos campeonatos que eu lembro, sempre as duas arquibancadas estavam cheias. Tinha muita gente.

K.D. - Quanto à imagem da mulher atleta da época, o que tu tens para nos dizer sobre isso?

¹⁸ Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

D.S. - Bom, a participação da mulher obedeceu, ou quem sabe até auxiliou - essa mulher atleta - auxiliou na evolução da mulher no mundo, eu acho. Porque, no início, isso aí se agregou a todos os princípios morais da época: o calção comprido e a própria vestimenta que se jogava - tudo era mais ou menos contestado, mas com a evolução assim do esporte as coisas evoluíram junto. Por exemplo, a gente já não queria aqueles calções lá em baixo; já se pedia para ser bem recortado e também o Rio Grande do Sul sempre foi um pouco mais atrasado nessas coisas morais, comparado ao Rio de Janeiro¹⁹. Então cada vez que a gente se defrontava com o Rio de Janeiro, a gente queria mudar nossos uniformes; a gente queria botar, assim, as nádegas de fora e com camiseta, com tudo que os outros tinham - claro que eles são de praia eles vivem assim -, então nós queríamos... Sempre olhando para cima e nunca para baixo, sempre olhando a evolução. E acho que isso ajudou, porque a gente no esporte foi fazendo uma coisa normal e quando viu, ia se tornando padrão, não é! E também eu acho que dá para perceber um pouco, que o fato da mulher praticar esporte não tirava dela - vamos supor assim - um certo magnetismo feminino de sedução, de conquista porque, no caso, se usava o esporte: era um IBOPE²⁰, se aparecia. Mas se aparecia enfeitada pintada, cabelo como a gente achava que era melhor, e com uniforme que a gente queria sempre ajeitar de jeito que a gente achava mais bonito. Então o esporte, nesse caso, nunca contribuiu - pelo menos na nossa visão ali do nosso time - ele não contribuía para uma imagem ruim feminina. Contribuía, ao contrário, para uma imagem boa da mulher.

K.D. - Quando vocês montaram o time voleibol feminino já existia o masculino?

D.S. - Não, basicamente o masculino começou um pouquinho antes. O pessoal se reunia para fazer uma peladinha, lá no União, e aí começou o masculino mais ou menos com as mesmas dificuldades do feminino: de treinadores, de habilitação, de espaço, de tempo e de não ter a menor assessoria em nada. Então eles tiveram o mesmo problema. Mas aí foram ocorrendo paralelo conosco, sempre. Só que para uma cultura machista como sempre foi a nossa, o homem não enfrentou esses problemas que a mulher enfrentou. Porque para o homem sempre era normal, o que ele fizesse era aceito; para a mulher é que não era A

¹⁹ Estado Brasileiro

²⁰ Referência ao Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, reconhecido instituto de pesquisa cuja sigla é utilizada coloquialmente para fazer referência a algo que possui resultados positivos.

mulher é que não podia usar calça comprida, não podia botar o calção cavado não sei aonde, assim, lá para cima. Então, nós é que sofríamos isso e o homem não; para o homem moralmente acho que continuou igual, mas para a mulher foi uma evolução muito grande.

K.D. - Tu classificas como um certo preconceito que vocês sofriam, assim, quanto a usar roupa mais cavada. A questão da atleta, por si só, ela expõe mais o corpo que as mulheres normais, tu acreditas nisso?

D.S. - Não eu nunca me senti - vamos supor assim - tolhida nem criticada; nunca, em todos os momentos da minha vida, porque eu acho que quando o calção era lá em baixo, é porque a expectativa da época era essa. Então, a gente obedeceu essa expectativa, só que a gente sempre ia de uma maneira mas dava um passo para frente; sempre ia, como eu disse, quando a gente se defrontava com o Rio de Janeiro a gente enxergava outro mundo, mas em vez de nós darmos para trás, nós queríamos chegar lá onde os outros estavam e não e nunca senti assim que aí havia essa crítica, essa [passa o trator] como é que tu falaste, essa.....

K.D. - Esse preconceito!

D.S. - Preconceito não! E também por ser atleta não. Sempre tive como atleta no colégio todo diz “Ah, aquela pessoa ali é aquela que nada”. “Sabe! Ela é assim! A outra, ela viaja no esporte”. Então, não havia no *nosso meio social*, eu não sei se em outros meios quem sabe. O nosso, de nível médio, de clube médio não era um clube social rico como a Leopoldina²¹; a Leopoldina nem mantinha esse tipo de esporte, mantinha o tênis. Então, eu nunca me senti nada constrangida e, não sei, sempre tive muita vontade, acho, como as outras, de evoluir, sempre que a gente via um padrão.

[FINAL DA FITA 07/1-A]²²

²¹ Clube Recreio Juvenil, fundado em 1863. Em 1941 funde-se ao Sociedade Leopoldina Porto-Alegre formando a Associação Leopoldina Juvenil

²² Esta primeira parte da entrevista 07, identificada como 07/1-A, está gravada na mesma fita da entrevista 03, com a mesma depoente. Esta está identificada como 03/1-A.

K.D. - Sobre a Universíade²³ de 63, como aconteceu a tua convocação?

D.S. - A Universíade que se deu em 1963, vista por mim, foi uma continuidade daquilo que nós fazíamos na nossa vida de atleta. Porque quando se deu a Universíade, a gente já tinha os nossos times de origem - que era no caso a SOGIPA e o União - porque as pessoas que jogaram a Universíade, que são gaúchas - são cinco pessoas são oriundas destes dois times - já era previsto que nos jogos mundiais a convocação, aqui no Rio Grande do Sul, seria das pessoas que faziam esse esporte e que estavam na faculdade. Nós fomos convocadas - cinco gaúchas porque o Rio Grande do Sul ganhou sete campeonatos universitários brasileiros; então, logicamente, o maior número de pessoas convocadas teria que ser do Rio Grande do Sul. Então nós tivemos cinco convocações de gaúchas e todas as cinco permaneceram - das doze convocadas para o final - e todas participaram da Universíade. As outras eram: uma moça de Brasília e as demais eram de São Paulo. Então eram os times mesmo que mais se deslocam nos jogos universitários, era São Paulo e Rio Grande do Sul e essa menina de Brasília.

K.D. - Como é que foi a preparação de vocês. Vocês foram convocadas, viajaram para treinar?

D.S. - É, nós...

K.D. - São Paulo, não é?

D.S. - São Paulo, nós fomos convocadas - cinco - e viajamos imediatamente para São Paulo, porque em São Paulo iam se dar os treinos de vários esportes. Nós ficamos alojadas nas Águas Brancas e ficamos um mês treinando lá, fazendo somente treinamento para a Universíade. Aí tinham mais pessoas convocadas, não só gaúchas: tinham de São Paulo, umas sete jogadoras e mais algumas que eu não tenho idéia. Então se começou treinando com, basicamente, umas dezesseis pessoas.

K.D. - Quem foi o treinador de vocês?

²³ Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universíade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro

D.S. - O nosso treinador era o treinador de um clube paulista. Era Celso Bandeira, treinador também da equipe universitária de São Paulo; então, ele que foi chamado e tinha um assessor técnico - que eu não lembro o sobrenome - chamado Glauco²⁴ também paulista, toda equipe técnica era de São Paulo.

K.D. - E vocês ficavam longe do Rio Grande do Sul que era onde vocês iriam realmente jogar. Qual a expectativa que vocês tinham em chegar aqui, em participar dos jogos?

D.S. - A expectativa da participação era uma coisa...A gente sabia que estava se preparando um coisa muito ampla, muito grande, com muitos países. Mas como nós nos afastamos, não se tinha *idéia* do que estava acontecendo aqui em Porto Alegre porque, na verdade, Porto Alegre se modificou: foi construída a Vila Olímpica²⁵. Porto Alegre toda estava modificada em função desses jogos mundiais. Mas nós não tínhamos essa idéia porque o nosso mundo começou... Um mês inteiro, nós vivemos São Paulo. Nós gaúchas. Nós não tínhamos essa idéia, mas a expectativa era muito boa, muita ansiedade e tudo porque a gente não sabia nada. Nós sabíamos que o Brasil ia ficar separado das outras delegações, para ficar toda a equipe brasileira junta e como de fato ficamos lá na rua do cinema Capitólio²⁶. Nós ficamos alojados em um edifício que estavam terminando de construir e ali ficou toda a delegação brasileira, o que foi bom e não foi, porque eu pouco vi dos acontecimentos da Vila Olímpica: que era *toda* uma *alimentação* assim *variadíssima*, e de primeiríssima para atender todos os países. E a congregação entre os participantes, isso eu senti que fiquei fora. A gente ficava concentrado e depois a gente ia para os jogos e assistia alguma coisa de ginástica olímpica, extra, mais de alguns eventos. Mas, na verdade, a gente perdeu essa oportunidade: de estar com as outras raças e etnias e coisas que aconteceram.

K.D. - E como que a população de Porto Alegre aceitou a Universidade?

de 1963.

²⁴ Glauco Mignone

²⁵ Foi denominada “Vila Olímpica” um conjunto de prédios residenciais construídos pela Caixa Econômica Federal cuja Associação de Moradores cedeu para o alojar os atletas participantes do evento. Localizava-se no Bairro Intercap.

²⁶ Antigo cinema, localizado na Rua Demétrio Ribeiro no Centro de Porto Alegre

D.S. - Bem, a organização foi fantástica e quanto à população, o pessoal lotou os ginásios, para o vôlei, para ginástica olímpica, para todos os esportes que houve, houve uma lotação máxima. Acho que Porto Alegre foi bastante preparada, foram bastante divulgado os jogos, o que a gente não acompanhou! Mas pela preparação que teve, pela organização, deu para ver o quanto que foi investido aqui, em tudo: em publicidade, em dinheiro, para alojamento, a própria Vila Olímpica que foi construída; acho que a população se sensibilizou com isso e compareceu em massa. Nunca se viu, eu acho, *tanta* gente lotando os estádios.

K.D. - Porque pouco tempo antes, três meses antes, não se falava de Universiade em Porto Alegre. Foi tudo muito instantâneo assim?

D.S. - Muito! Por isso que é uma coisa admirável, porque a gente não tinha idéia da repercussão que teve. Teria aqui porque, na verdade, quando saiu a convocação - vamos supor que faltasse uns dois meses para a Universiade - que foi o quanto deu para negociar coisas de... No caso, ali, eu já era professora do Estado, eu trabalhava em Esteio²⁷ em uma escola estadual e eu era aluna aqui, então tu tinhas que engrenar a dispensa do Estado por um mês, do teu trabalho oficial e a dispensa na faculdade; o que se sabe, quando é convocação para nível nacional, as pessoas têm direito tanto no trabalho quanto no estudo, tu és apoiado em lei. Mas tudo isso tinha que ser arrumado.

K.D. - E a questão do clima político que tinha, na época, muito discursos falavam de paz, discursos de recepção das delegações e os discursos das delegações falavam muito da paz mundial.

D.S. - É, havia um clima. Acho que as coisas meio se repetem no mundo. O clima de hoje, com alguns povos brigando ou quem sabe muitos do mundo envolvidos. E, naquela época, não fugia disso também, tanto que houve a ausência da Rússia e dos Estados Unidos no voleibol; eles não vieram e a gente sabe que não foi problema econômico, que foi problema de boicote mesmo.

K.D. - E nos jogos mesmo não chegou a afetar esse clima?

D.S. - Não nos jogos. No caso afetou, vamos supor assim, o resultado. Se tivesse vindo Estados Unidos, Rússia, etc., a gente talvez não tivesse ganho no voleibol. A gente sabe que eles tinham, naquela época, um índice técnico melhor do que o nosso. A gente estava aí treinados, treinadíssimos de praia, de toda técnica que aqui a gente não fazia; a gente veio muito bem preparada e tudo, mas acho que para vencer Estados Unidos e Rússia, essas coisas, eu acho que não. Mas com a ausência deles nos possibilitou então ganhar o título.

K.D. - E que tu levas para ti da Universidade como a imagem mais bonita ou a emoção que tu sentiste. Algum momento que tu possas nos contar?

D.S. - Olha, eu me lembro dois momentos: um deles foi no desfile inicial - porque eu nunca tinha visto na minha vida esportiva - sempre tem foguetes essas coisas, mas o espetáculo pirotécnico aqui em Porto Alegre, de uma *meia hora* no campo do Grêmio²⁸; e me lembro que aquilo como não terminava, eu me lembro que eu me deitei - porque as delegações tinham desfilado e a gente estava ainda dentro do gramado. E eu me lembro que aquilo não parava e eu não sei quem mais, todo mundo se deitou olhando, sabe, porque era uma coisa espetacular, deve ser como o carnaval do Rio de Janeiro hoje. Mas para nós que não tínhamos visto, aquilo não parava! Foi quase meia hora de fogos sabe! *Lindíssimo!* Então aquilo eu achei assim “*show*”. E também quando eu comecei... Porque quando a gente estava em São Paulo, separado, a gente não pode viver o clima de outras etnias; e quando nós desfilamos foi aquela *ovação* pela delegação brasileira na sua terra, foi uma *ovação*, mas o que eu achei *mais legal* foi ver o desfile dos outros: dos italianos jogando os chapéus. Então aquilo ali de ver outras raças desfilando, outros países, tudo aquilo eu achei “*show*”. Achei maravilhoso. E outro momento que eu me lembro - dois momentos mais - quando nós descemos do avião, aqui no Salgado Filho²⁹, tinha gente e fotógrafo nos esperando. Aí que se viu, eu disse assim: “Bom, passei a ser personalidade”! E estou descendo do avião e estou treinando todo o mês, tu estás descendo aqui e tem gente, tem fotógrafo. Aí que tu entendeste que tu eras alguma coisa importante naquele contexto! Então tem até fotos nossas descendo do avião e as pessoas em volta e tudo, então aquilo ali é interessante E um momento que eu achei, também, é que a gente estava

²⁷ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

²⁸ Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

acostumado a participar aqui, a participar de espetáculos no mesmo ginásio do União, mas era uma coisa mais tranqüila: gritava um time, gritava outro. Mas a vez que nós subimos para jogar - a primeira vez pelo Brasil - veio abaixo o ginásio todo. Sabe? Chegou na equipe feminina e o estádio todo do União - aquele ali da Quintino - veio *abaixo* de torcida. Claro, era o Brasil! Então aquilo ali, sim, me paralisou um pouco eu pensei: “Minha Nossa Senhora!”; já tinha jogado com o Mineirão³⁰ todo em cima da nossa cabeça torcendo contra, seleção gaúcha “versus” seleção mineira. Já tinha passado uns sufocos assim, mas lá na terra dos outros. Mas aqui, onde tu tens nome e sobrenome e, de repente, tu te tornas uma personalidade - sabe como é - com um ginásio inteiro assim ovacionado. Aquilo ali eu achei... Eu me lembro que eu fiquei assim... Ali foi quando tocou mesmo. Foi *muito* legal! E outra coisa: tinha muito colega aqui da ESEF³¹ que tinha ido, então, torciam, gritavam, abanavam e levaram bandeiras; aquilo foi muito marcante, que tu não esperas, tu pensas que tu vais jogar e vai ter torcida e tudo mas não assim, sabe como é - ovação - então isso aí foi muito, muito legal!

K.D. - E para Porto Alegre tu achas que a Universiade deixou alguma influência, alguma marca para Porto Alegre, para o esporte em Porto Alegre?

D.S. - Bem, eu vejo da seguinte forma: eu acho que assinou-se, entendeu, uma carta de maturidade para os gaúchos. Mas pela organização - vamos supor - pela capacidade de fazer. Porque sempre que se fala em fazer, a gente sabe que o Rio de Janeiro que São Paulo - e em primeiro lugar, São Paulo faz e faz muito bem; agora nós temos outros Estados vários, mas, naquela época, era mais São Paulo. E no momento que Porto Alegre e os gaúchos tentam fazer uma coisa dessa, *mundial* e *fazem* com um sucesso - eu acho administrativo bom - eu acho que com isso a gente conseguiu colocar assim, definitivo os gaúchos no cenário de poder fazer. De ter capacidade para. Acho que isso foi muito bom.

K.D. - Não foi cogitada a possibilidade de vocês participarem da Universiade seguinte?

D.S. - Não foi! Pelo menos nunca chegou a nossa... Porque aí também não sei se é problema, não fiquei sabendo, problema sempre financeiro. E tudo; e outra coisa: eu acho

²⁹ Aeroporto Internacional Salgado Filho, localizado em Porto Alegre

³⁰ Estádio Governador Magalhães Pinto. Inaugurado em 1965, em Belo Horizonte.

também para ir tem que ir com... Hoje não é assim, mas quem sabe naquela época que foi subsidiado, mas com uma certa condição até de ganhar, de ter um índice, não sei, se é por isso também, sei que não foi mais cogitado.

K.D. - Diná eu agradeço mais uma vez por ter disponibilizado teu tempo para o CEME³².
Muito obrigado!

D.S. - Eu que agradeço. Foi um prazer e estou sempre às ordens.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

³¹ Escola de Educação Física da UFRGS

³² Centro de Memória do Esporte